

Claraboia

cave

Bárbara Banida
Emer Freire
Mecanosfera

CURADORIA

Lucas Dilacerda

06 Out – 14 Nov 26

Bárbara Banida

Emer Freire

Mecanosfera

Erotismo Material

0. Grau zero

A VIDA É O SONHO DA MATÉRIA. MÁQUINA DE IMAGINAÇÃO. EXISTE VIDA EM TODO LUGAR. PRÁTICAS DE CULTIVO. PEQUENAS REGENERAÇÕES. O AMOR É A LEI FÍSICA UNIVERSAL. COEXISTÊNCIA PRECÁRIA. DEMOCRACIA MATÉRICA.

2026. Mecanosfera

Esta exposição aproxima as poéticas de Bárbara Banida e Emer Freire por meio do erotismo material. Aqui, vemos seres híbridos, mas não é o hibridismo que nos interessa, e sim o grau zero da vida, ponto ápice do desejo, sem linguagem e sem separabilidade: o instante fulgor no infinito onde não há formas determinadas, na qual tudo que existe é, ao mesmo tempo, o mínimo de determinação e o máximo de possibilidades. O título da exposição, *Mecanosfera*, é um conceito dos filósofos Deleuze e Guattari que pensam o mundo como o conjunto de todos os agenciamentos (acoplamentos) maquínicos, biológicos, tecnológicos, sociais e naturais.

∞ Unidade mínima do real

Um agenciamento é um conjunto de elementos diferentes que se juntam para criar um funcionamento temporário. Por exemplo: o agenciamento humano-celular possibilita o acesso à internet e a troca de informações. É um agenciamento composto por corpo + mãos + dedos + smartphone + tela + plástico + bateria + silício + metal + olho + atenção + desejo + elementos visíveis e invisíveis. Por isso, um agenciamento conecta humano e máquina, natureza e tecnologia, biologia e sociedade. Desse modo, um agenciamento descentraliza o humano do centro da realidade, e evidencia a agência das diversas relações que atuam sem que nós percebamos. Nessa perspectiva, a mecanosfera é o conjunto de todos os agenciamentos que existem atualmente no mundo, em um constante movimento de conexão e desconexão.

5459 d.H.¹ A desmaterialização radical

Emer Freire se apropria de objetos industriais para desfuncionalizá-los e acoplá-los com outras materialidades para criar máquinas poéticas que subvertem os binarismos estéticos e ontológicos. Suas obras promovem contaminações entre sistemas tecnológicos e orgânicos, criando composições imprevisíveis que fogem das categorias tradicionais de pintura, escultura e instalação. Não é o híbrido que interessa ao artista, mas sim a desmaterialização radical da matéria. Diferente do movimento não objetual dos anos 1960 e 70, Emer se interessa por questionar a divisão, a separação e a hierarquização da matéria. Nesse sentido, a sua desmaterialização não se trata de uma simples recusa do objeto. O artista vai além e desmaterializa a própria noção de matéria, em sua raiz estrutural e, portanto, radical. Suas obras desmoronam as noções clássicas e modernas de matéria (o hilemorfismo aristotélico e o formalismo transcendental kantiano) e instauram uma nova noção de matéria pós-humana, na qual, diante de seus trabalhos, somos convidados a nos perguntar qual é o tempo e o espaço que pertence àquele corpo estético.

As obras Incubadora e Incisor funcionam como máquinas incubadoras de vidas desconhecidas, com uma estrutura que oscila entre laboratório científico, ficção científica e filmes de terror. As obras da série Exoesqueletos ficcionalizam esqueletos de uma espécie desconhecida, são fósseis de uma anatomia especulativa, na qual o desenho de aço negro escultórico funciona como osso, e a superfície pictórica funciona como carne. Já na obra da série Extensores, vemos uma pele artificial acoplada a uma escultura metálica, criando uma tensão entre o organismo elástico da pele e a geometria mecânica do metal. A obra Monólito residual se ergue como um totem alienígena, com um corpo geológico que o aproxima dos minerais, das rochas e dos ímãs, carregando uma

capacidade eletromagnética capaz de atrair forças invisíveis e assumindo um estatuto quase sagrado. Emer opera como um pássaro que constrói um ninho: coleta materialidades diversas para criar um ambiente propício ao nascimento de uma nova vida. Desse modo, o artista tece uma crítica ao descarte e ao lixo produzido pelo tecnocapitalismo neoliberal, ao se valer de objetos improdutivos para reutilizá-los e reinseri-los no sistema da arte. Devolvê-los ao mundo de forma artística. Suas obras promovem uma democracia matérica, na qual diferentes materialidades instauram outras políticas do estar junto. O artista, quando criança, sonhava em ser um mágico: alguém que transforma a realidade. Esse desejo se realiza hoje como um artista alquimista, que mistura elementos e faz tecnofeitiçaria.

-7202 a.H.² Um vulcão se apaixona por uma estrela

bárbara banida cria cerâmicas de seres e paisagens ficcionais como uma maneira de fertilizar a imaginação contra o colapso climático. afinal, a crise ecológica é também uma crise da imaginação. ela é o reflexo de uma subjetividade em farrapos, que não consegue imaginar outros modos de vida para além da extração, do consumo e do descarte. mais do que nunca, enfrentar a crise climática exige, antes de tudo, força de imaginação: imaginar outros mundos e modos de vida sustentáveis para habitar o planeta. a artista recusa o pessimismo climático e as narrativas de fim do mundo, que informam que a vida na terra está com os dias contados, e que provoca uma ansiedade climática e o embrutecimento da imaginação. contra as forças que marcham contra a vida, bárbara fabula “erotar”: um planeta em estado de regeneração. diferente de como a vida evoluiu na terra, em *erotar* a vida nasce livre, sem divisões entre os reinos mineral, vegetal e animal. por isso, as obras de bárbara parecem formas amnióticas em estado de nascimento, dançando um movimento de crescimento e expansão da matéria e do espírito. cada obra é um portal para *erotar*: as suas esculturas em cerâmica são seres e paisagens alienígenas que habitam esse planeta; são corpos com anatomias aberrantes, abstratas e inclassificáveis, que resistem à captura do reconhecimento e da linguagem.

nesta exposição, bárbara apresenta a sua nova pesquisa sobre o amor. aqui, mais do que o amor romântico e idealizado, a artista investiga o amor como uma lei física e universal de atração entre corpos e matérias. no budismo tibetano, tara é uma deidade que apresenta o amor como uma forma de cura e cuidado. na mitologia grega, eros é o deus do amor. ele é a força sagrada, primordial e cosmológica que atrai os corpos e une o que foi separado. nesse sentido, o erotismo vai além da sexualidade e se torna um magnetismo que atrai materialidades que foram separadas. *erotar* é uma erótica. é uma história de amor entre as mãos e o barro, entre a terra e o fogo, entre a cor

e a forma. para esta exposição, bárbara cria uma mitologia que conta a história de amor entre o centro da terra e as galáxias do céu. filhos dessa paixão, nascem vulcões que crescem em direção ao céu no desejo de beijar as estrelas. a obra *totem do amor total*, que funciona como um vulcão, e a obra *redemoinho de aorta*, que funciona como uma estrela, encenam esse erotismo material. as cerâmicas da série *urê do amor aquático* narram a história dos vulcões que nascem no fundo do mar. as figuras da série *mulher em erupção* performam uma zona de indiscernibilidade onde não sabemos se são mulheres se transformando em vulcões, ou se são vulcões se transformando em mulheres. já as pinturas feitas de cerâmica contam a história dos cometas que caem do céu no desejo de beijar a terra. bárbara nos ensina que o mundo se movimenta pela atração da matéria pela matéria.

1996. O idioma antes da matéria

O METAL SONHOU COM O BARRO. A MATÉRIA NUNCA ESQUECEU QUE ERA NATUREZA. NÓS ESQUECEMOS. TODA MATÉRIA TEM UMA TENDÊNCIA A SE DECOMPOR E SE FRAGMENTAR. ENTROPIA. METABOLISMO MATERIAL. PULSÃO DE MORTE. DESEJO DE RETORNAR À TERRA, AO CÉU, AO GRAU ZERO.

2026. Magnetismo

Mecanosfera acontece como dois planetas que se alinham. As poéticas de Bárbara Banida e Emer Freire se aproximam pelo espanto diante da matéria e pelo desejo de imaginar o que ela pode se tornar quando suas divisões deixam de funcionar. Se em Bárbara esse encontro acontece pelo romance, pela força erótica que faz vulcões desejarem estrelas, cometas beijarem a Terra e o barro lembrar que nunca esteve separado da Natureza; em Emer ele acontece pelo terror da ficção científica, diante de máquinas, fósseis e matérias alienígenas que já não conseguimos reconhecer como naturais ou artificiais, vivas ou mortas. Bárbara olha para o cosmos e fabula mundos onde a matéria se apaixona; Emer olha para os resíduos deste mundo e constrói agenciamentos em que a matéria reaprende a viver. Uma produz mitologias de atração, o outro cria ecologias de contaminação. Mas romance e terror conduzem ao mesmo lugar: ao desconhecido que surge quando aquilo que parecia separado volta a se encontrar.

¹ d.H. depois da Humanidade, ou sem a Humanidade, logo d.H. = a.H.
² a.H. antes da Humanidade, ou sem a Humanidade, logo a.H. = d.H.

Lucas Dilacerda, curador



Foto: Pedro Bessa

Bárbara Banida
1996, Fortaleza, CE, Brasil
Vive e trabalha em Fortaleza, CE, Brasil

Escultora, curadora, pintora, Bárbara Banida embriona a cerâmica esmaltada a partir da ecologia especulativa, ficção visionária e territórios alienígenas. Suas peças surgem como obras-criaturas de *Erotar*, um mundo-ecossistema ficcional e regenerativo onde matéria, desejo e imaginação operam juntos. Em *Erotar*, sua pesquisa atual, desenvolve seres híbridos que habitam paisagens fabulares, recusando narrativas de colapso e insistindo na regeneração como força de continuidade. O esmalte atua como membrana viva onde brilho, densidade e fluxo constroem uma espécie de pele instável.

Banida é mestre em Processos de Criação em Arte Contemporânea e doutoranda em Artes pela Universidade Federal do Ceará.

Realizou a exposição individual *Erotar*, Galeria Cave, Fortaleza (2026) e está participando da 39ª Panorama da Arte Brasileira do MAM São Paulo (2026) e da mostra coletiva *Terror celestial*, Museu de Arte Contemporânea (MAC Dragão), Fortaleza (2026). Banida foi indicada ao Prêmio Pipa 2026, foi finalista do Prêmio Selo Mandacaru e vencedora do Prêmio Labverde na ArtPE 2025.

Bárbara Banida

Esporos do mundo a seguir, 2026

Cerâmica esmaltada, ouro líquido e madrepérola

26 × 29 × 29 cm

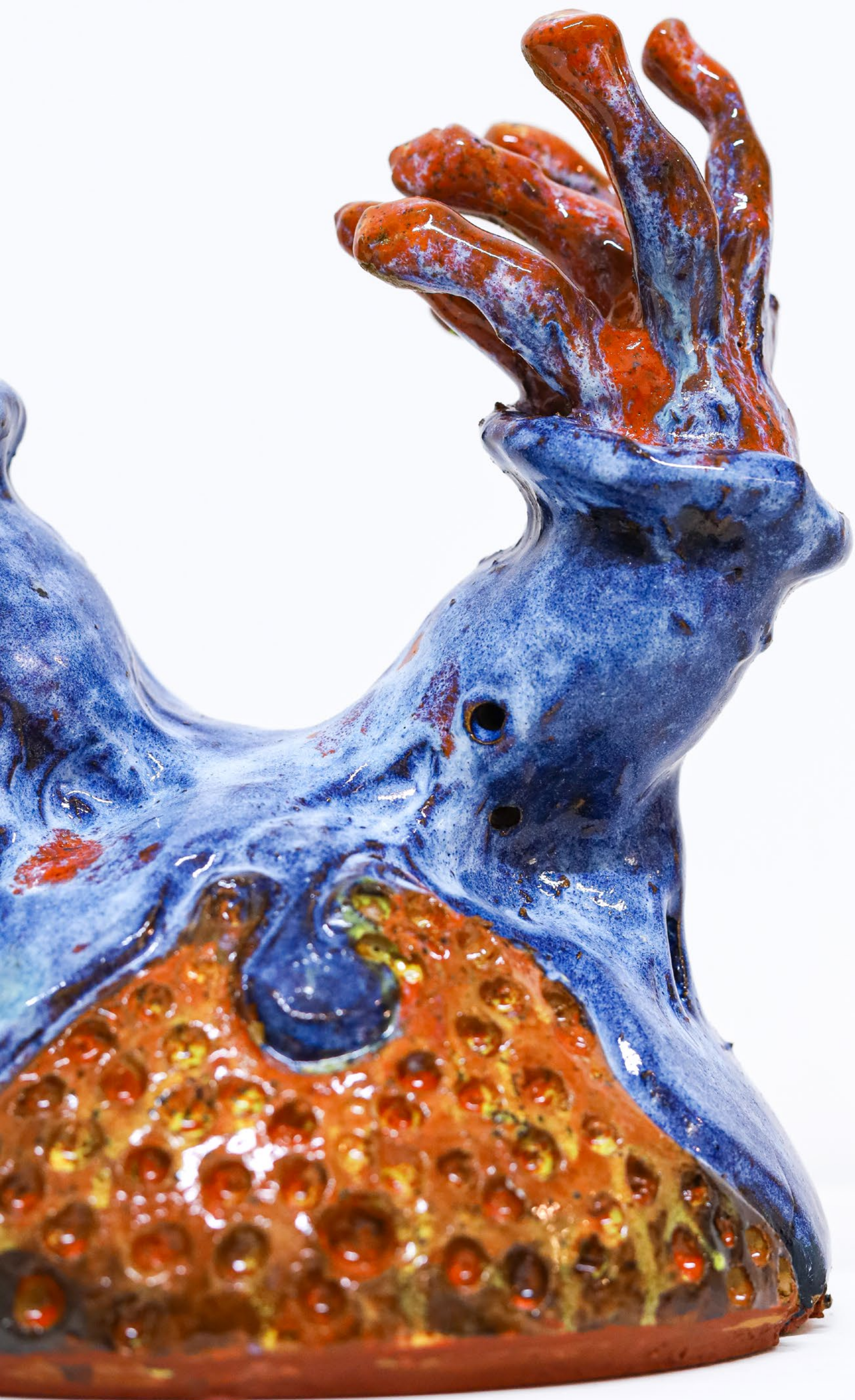




Bárbara Banida

Desejo verão, 2026
Cerâmica esmaltada
22 × 26 × 22 cm







Bárbara Banida

Fruta da paixão, 2026

Cerâmica esmaltada

23 × 24 × 19 cm





Bárbara Banida

kuthuli garganta, 2026

Cerâmica esmaltada e ouro líquido

35 × 18 × 21 cm







Bárbara Banida

maithuna, 2026
Cerâmica esmaltada e ouro líquido
19 × 17 × 21 cm





Bárbara Banida

Mulher em erupção II, 2026
Cerâmica esmaltada e ouro líquido
46 × 17 × 12 cm





Bárbara Banida

Mulher em erupção III, 2026
Cerâmica esmaltada e ouro líquido
38 × 29 × 12 cm





Bárbara Banida

Mulher em erupção IV, 2026
Cerâmica esmaltada e ouro líquido
33 × 29 × 11 cm





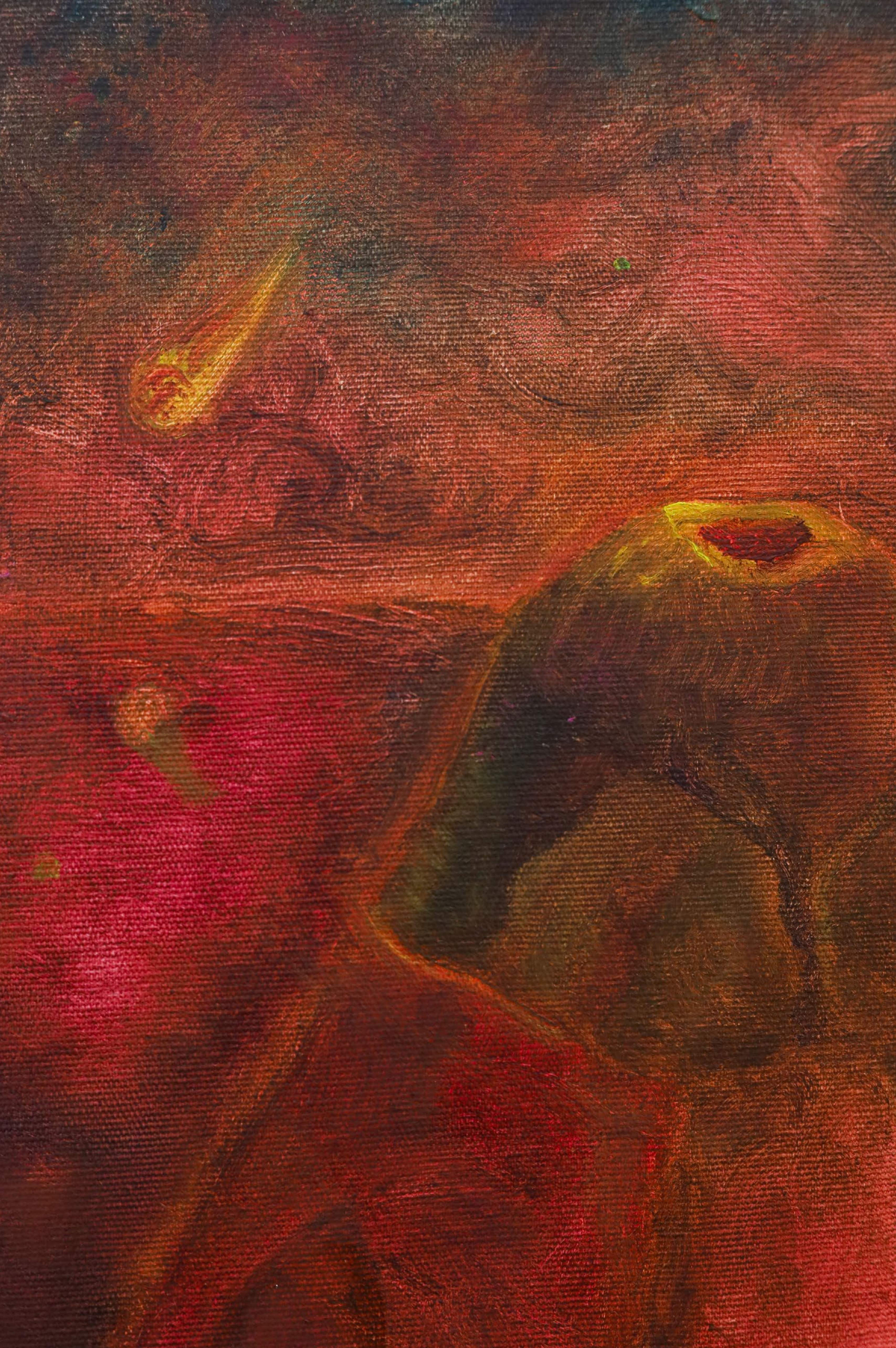
Bárbara Banida

Amores indecisos e múltiplos amores, 2026

Óleo e óxido de ferro sobre tela

30 × 30 cm





Bárbara Banida

Uma mulher a gestar seu próprio mundo, 2026

Cerâmica esmaltada e tinta automotiva

42 × 36 × 50 cm



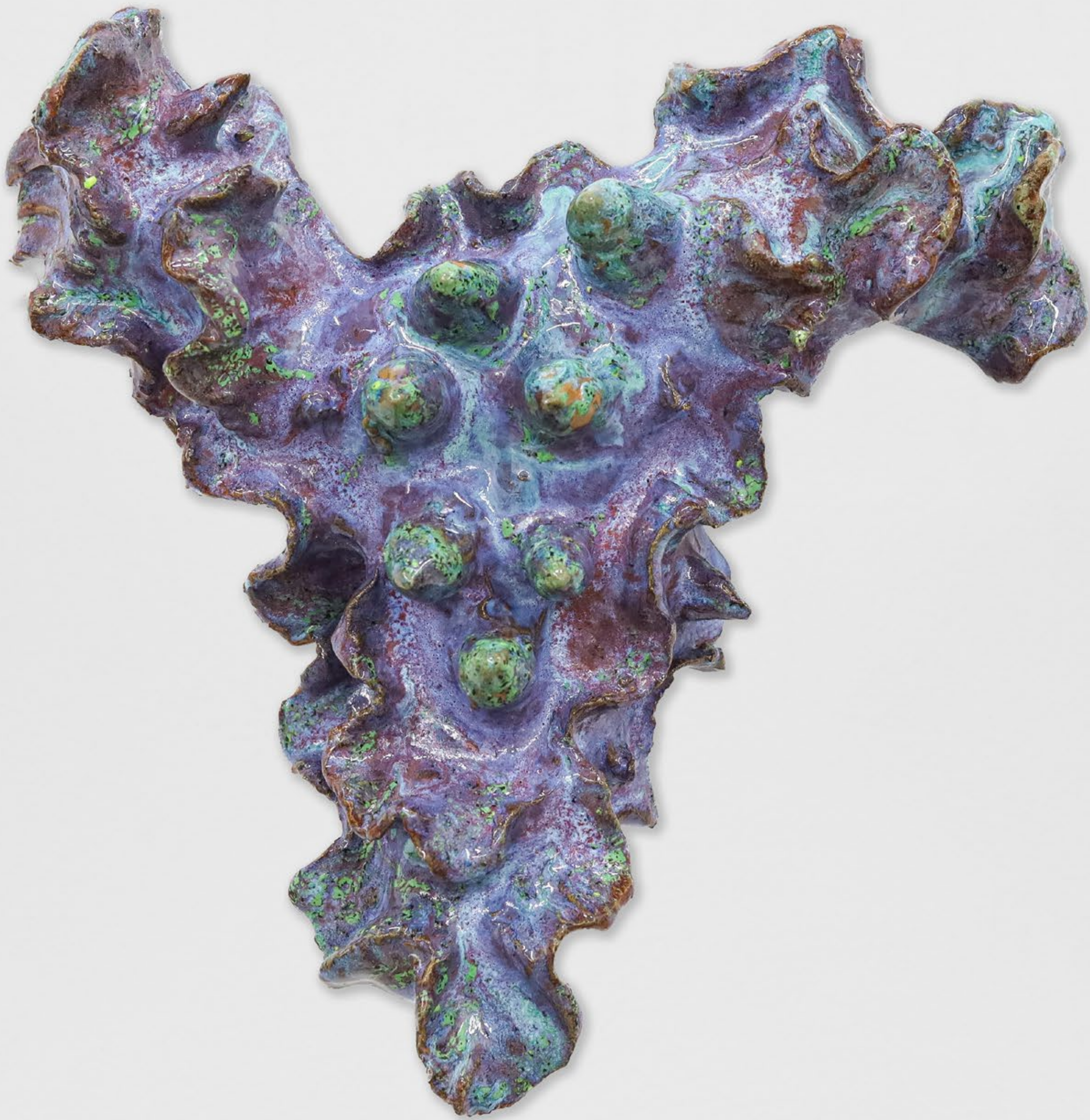


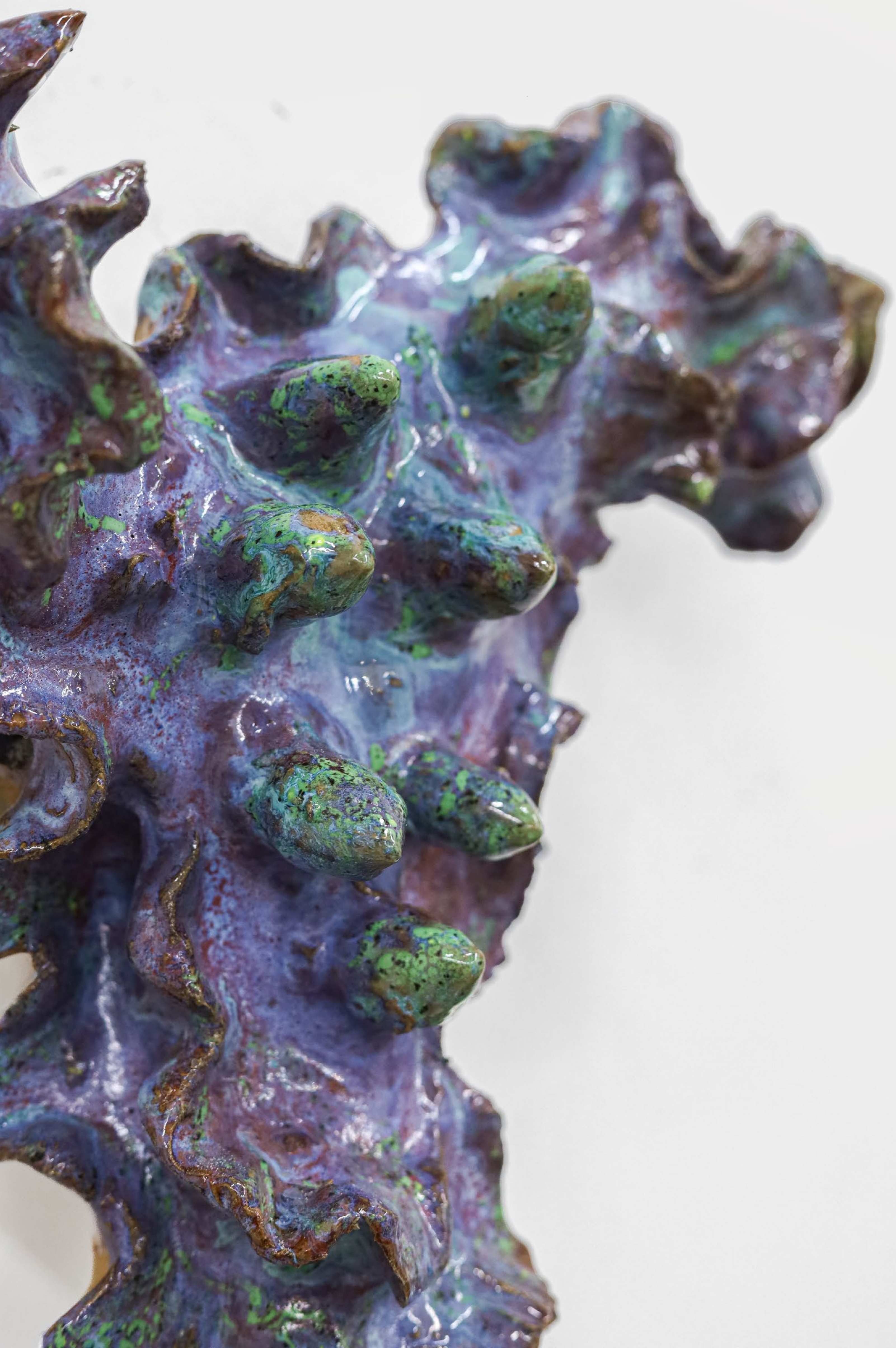
Bárbara Banida

Redemoinho de aorta, 2026

Cerâmica esmaltada

34 × 33 × 11 cm





Bárbara Banida

Totem do amor total, 2026

Cerâmica esmaltada e ouro líquido

212 × 40 × 40 cm





Bárbara Banida

urê do amor aquático I, 2026

Cerâmica esmaltada

26 × 18 cm





Bárbara Banida

urê do amor aquático II, 2026

Cerâmica esmaltada

27 × 18 cm





Bárbara Banida

urê do amor aquático III, 2026

Cerâmica esmaltada

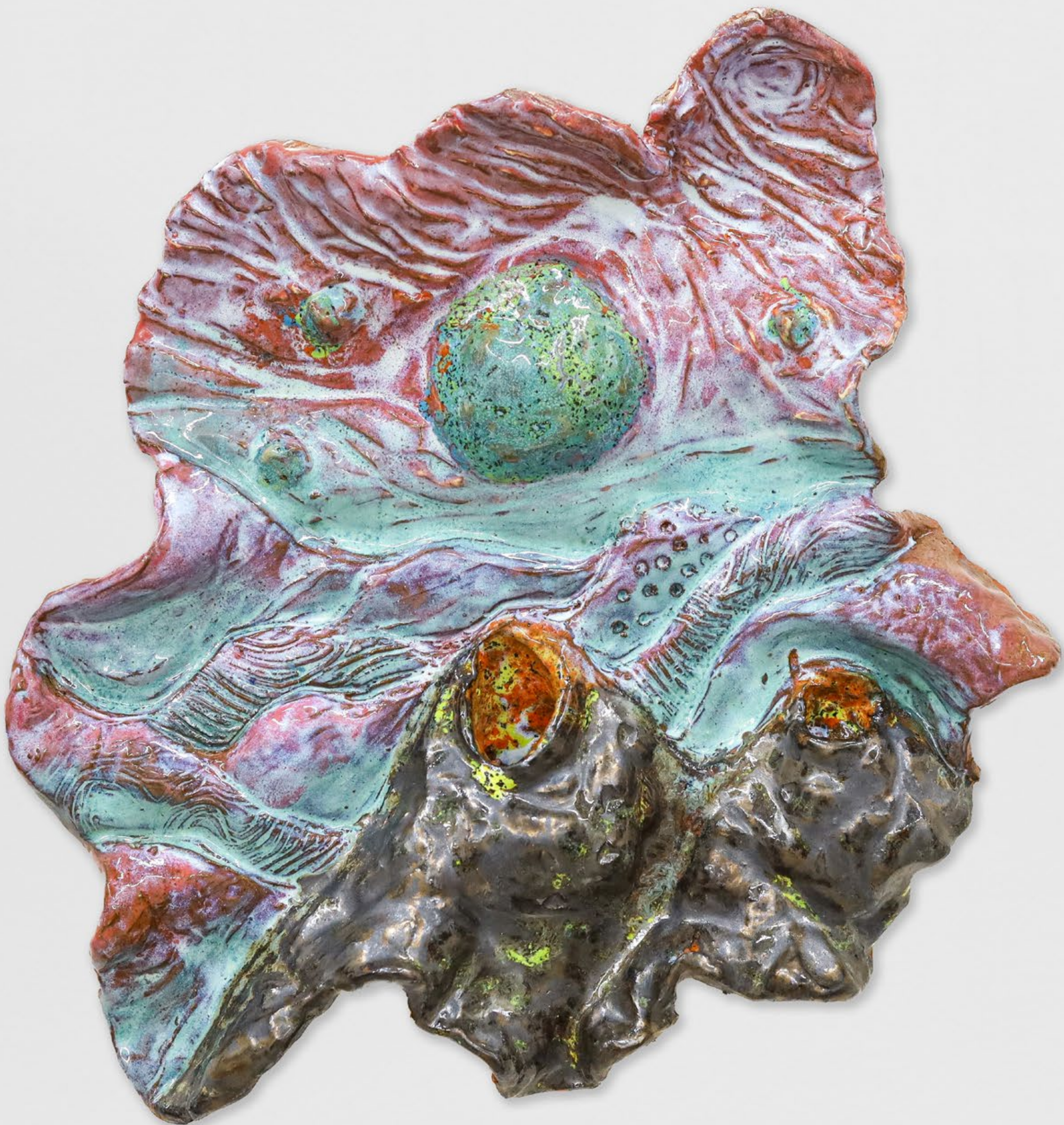
28 × 18 cm

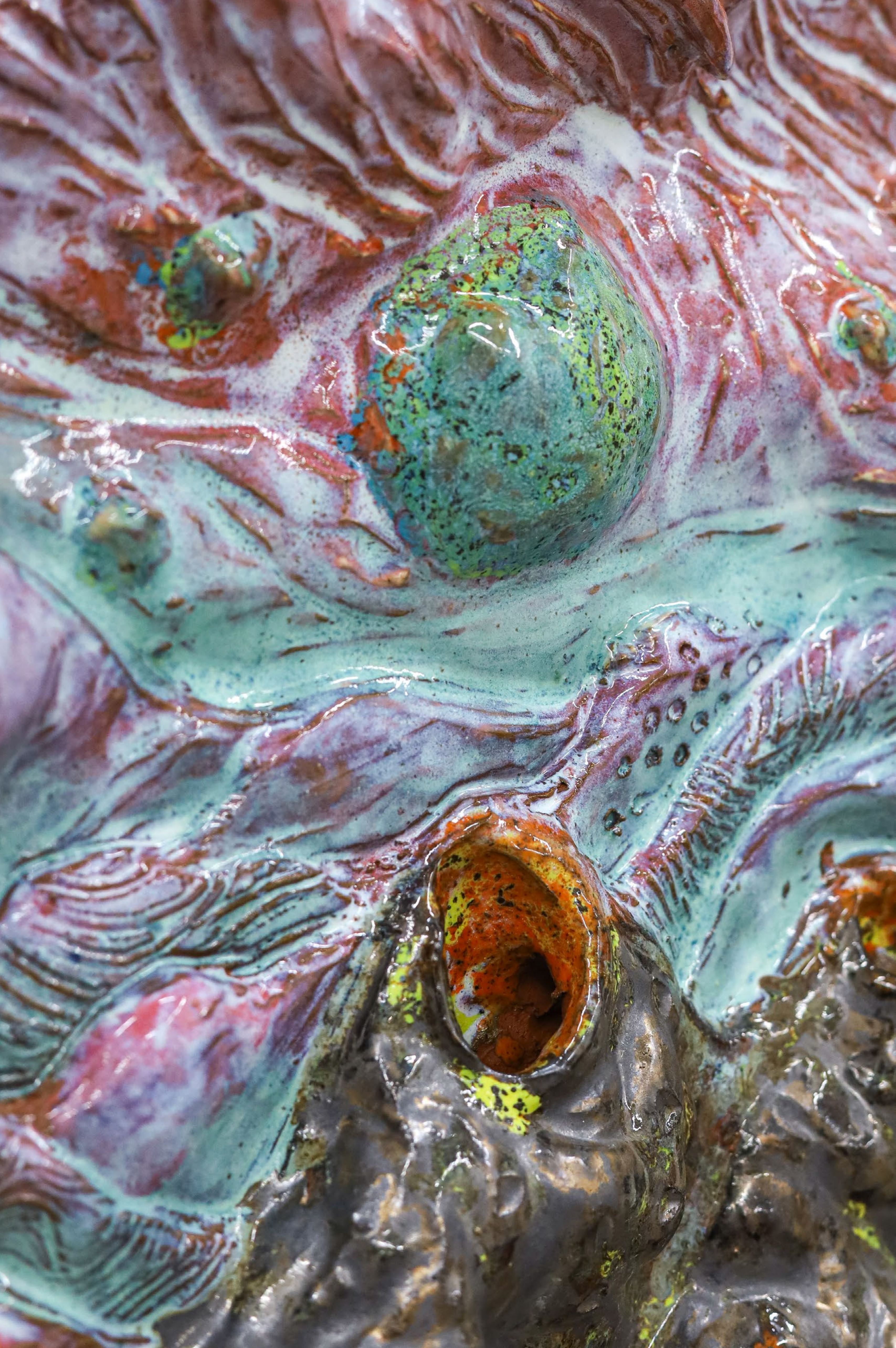




Bárbara Banida

urê do amor estrangeiro, 2026
Cerâmica esmaltada
23 × 24 cm

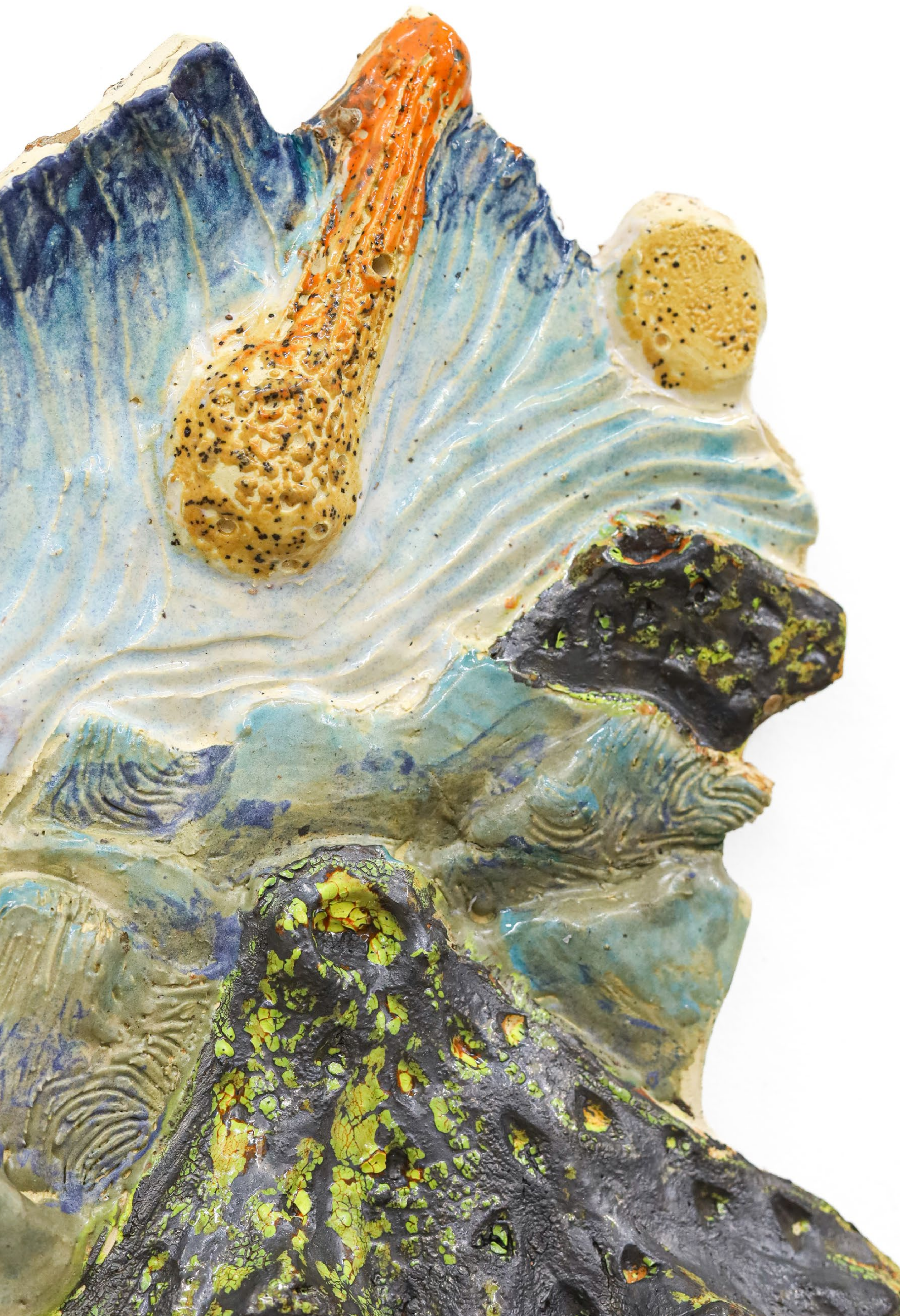




Bárbara Banida

urê do amor imortal, 2026
Cerâmica esmaltada
30 × 32 cm







Emer Freire
1995, São Paulo, SP, Brasil
Vive e trabalha em São Paulo, SP, Brasil

Emer Freire é um artista que investiga a materialidade por meio de processos experimentais, combinando materiais industriais e orgânicos em esculturas que expandem os limites entre pintura e escultura. Em sua prática, explora a transformação e o mutualismo, criando formas ambíguas que deixam vestígios de dúvida quanto à sua natureza — se são minerais, vegetais, criaturas de aparência animal ou até mesmo seres mutantes. Ao ressignificar materiais descartados e técnicas diversas, ele constrói um território poético em que tempo e matéria se fundem em metamorfoses contínuas.

Realizou as exposições individuais *Mal-adaptativo*, Baliza, São Paulo (2026); *We Flee Toward the Thing We Try to Escape*, Fabrica Research Center, Treviso, Itália (2024); *Quimera*, Espaço Caroço, São Paulo (2024); e participou de coletivas como 39º Panorama da Arte Brasileira, MAM São Paulo (2026); *Soft Machines*, MAC USP, São Paulo e VCA Victorian College of the Arts, Melbourne, Austrália (2025); *Concordar em discordar*, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro (2025); *Campo brutal*, Massape Projeto, São Paulo (2024); *Carga viva*, Centro Cultural Correios São Paulo (2023); *No olho do furacão*, Nonada, Rio de Janeiro (2023); entre outras.

Emer Freire

Monólito residual, 2026

Espuma expansiva, resina e pintura automotiva

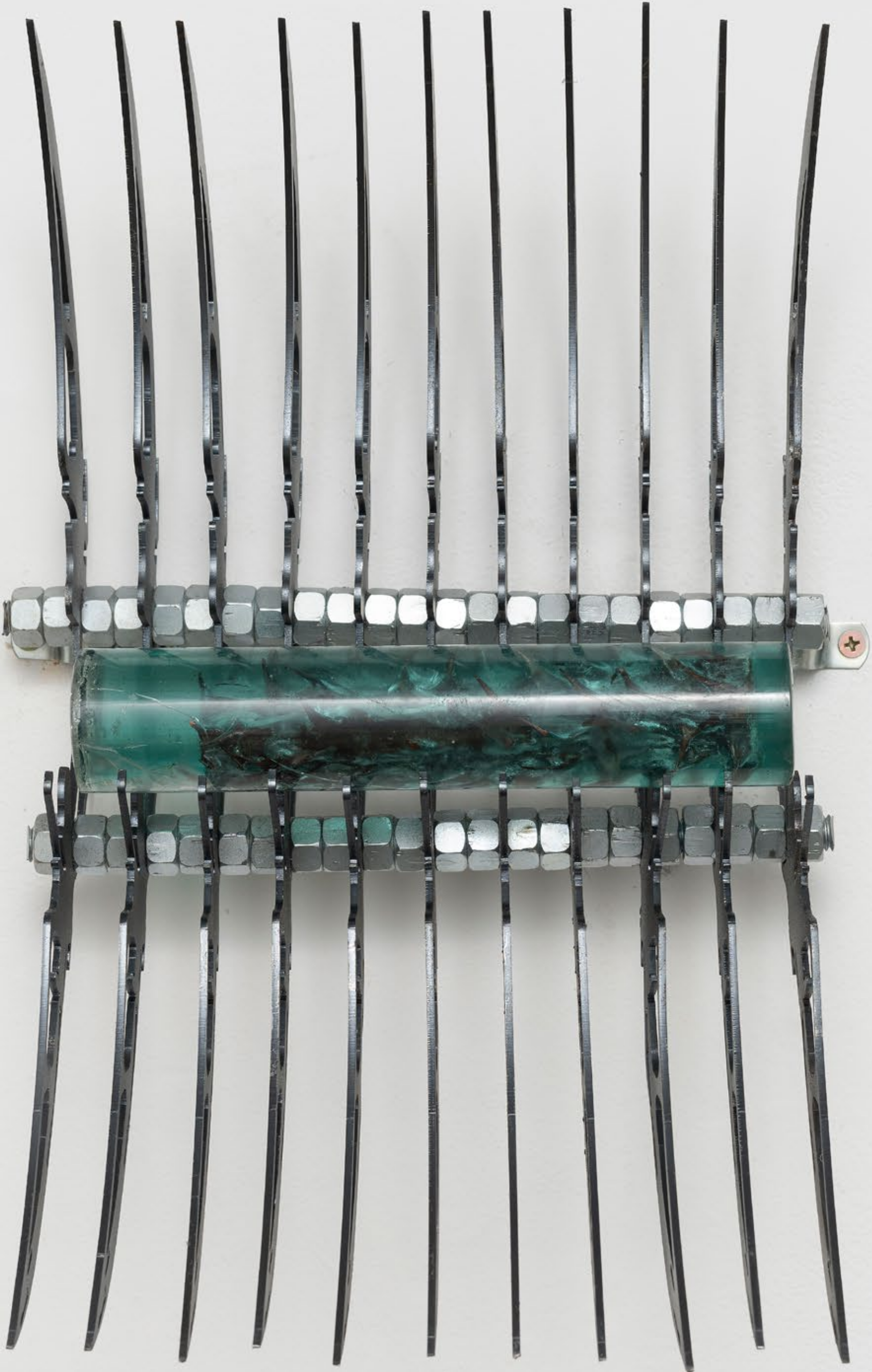
175 × 60 × 60 cm

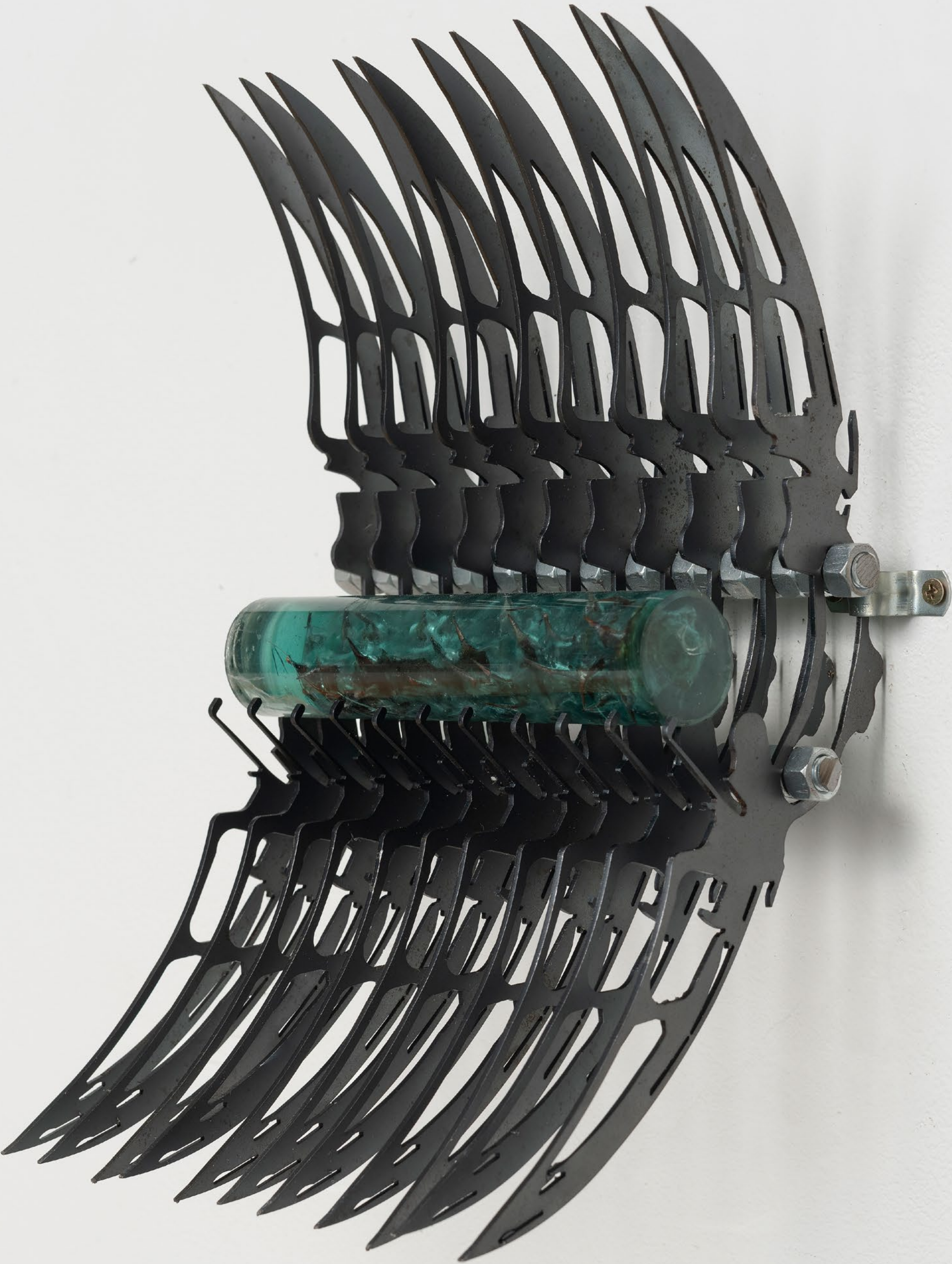




Emer Freire

Ritual de acoplamento I, 2026
Aço carbono, resina, tubo acrílico e
muda de coroa de cristo
37 × 22 × 20 cm







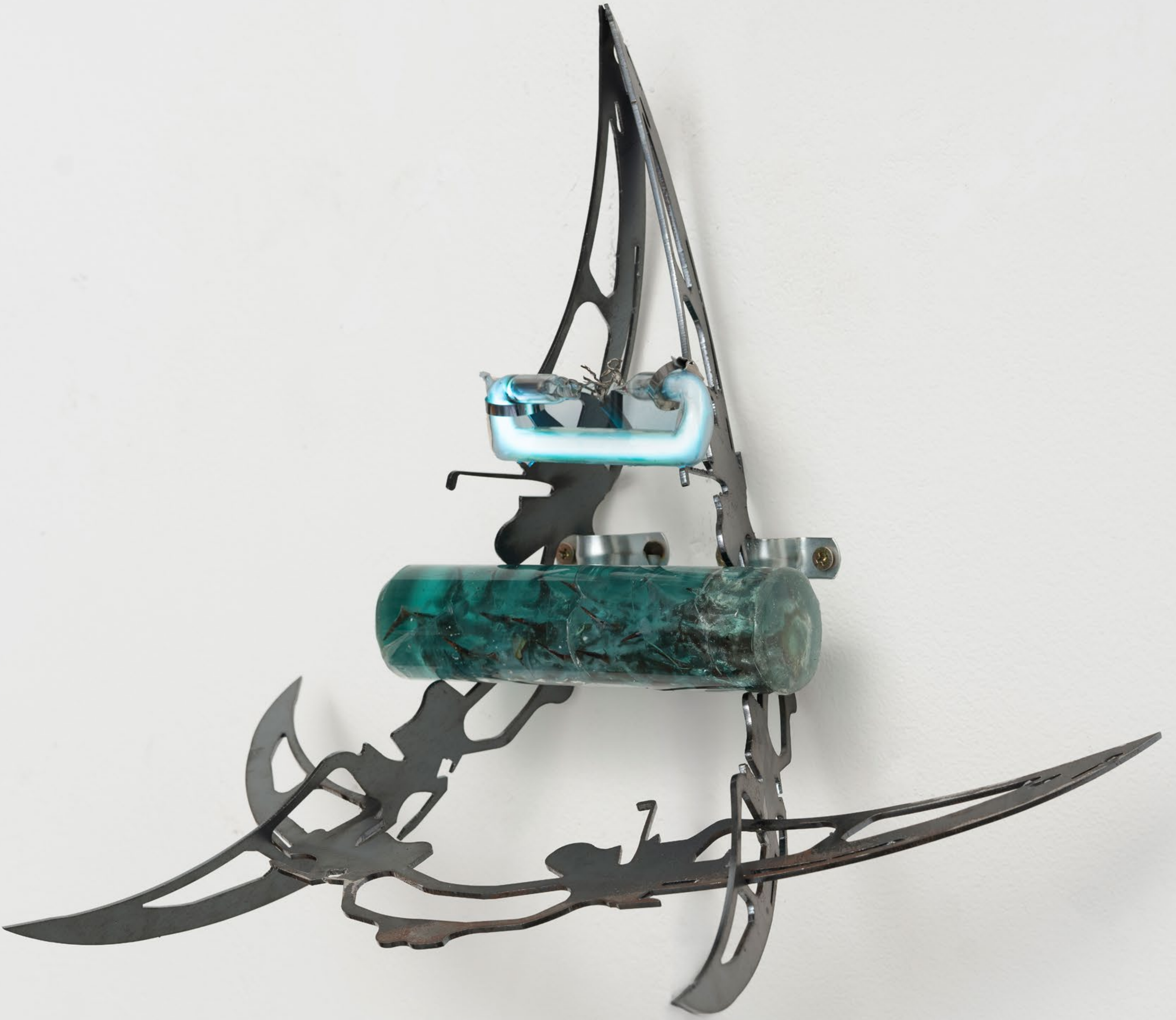
Emer Freire

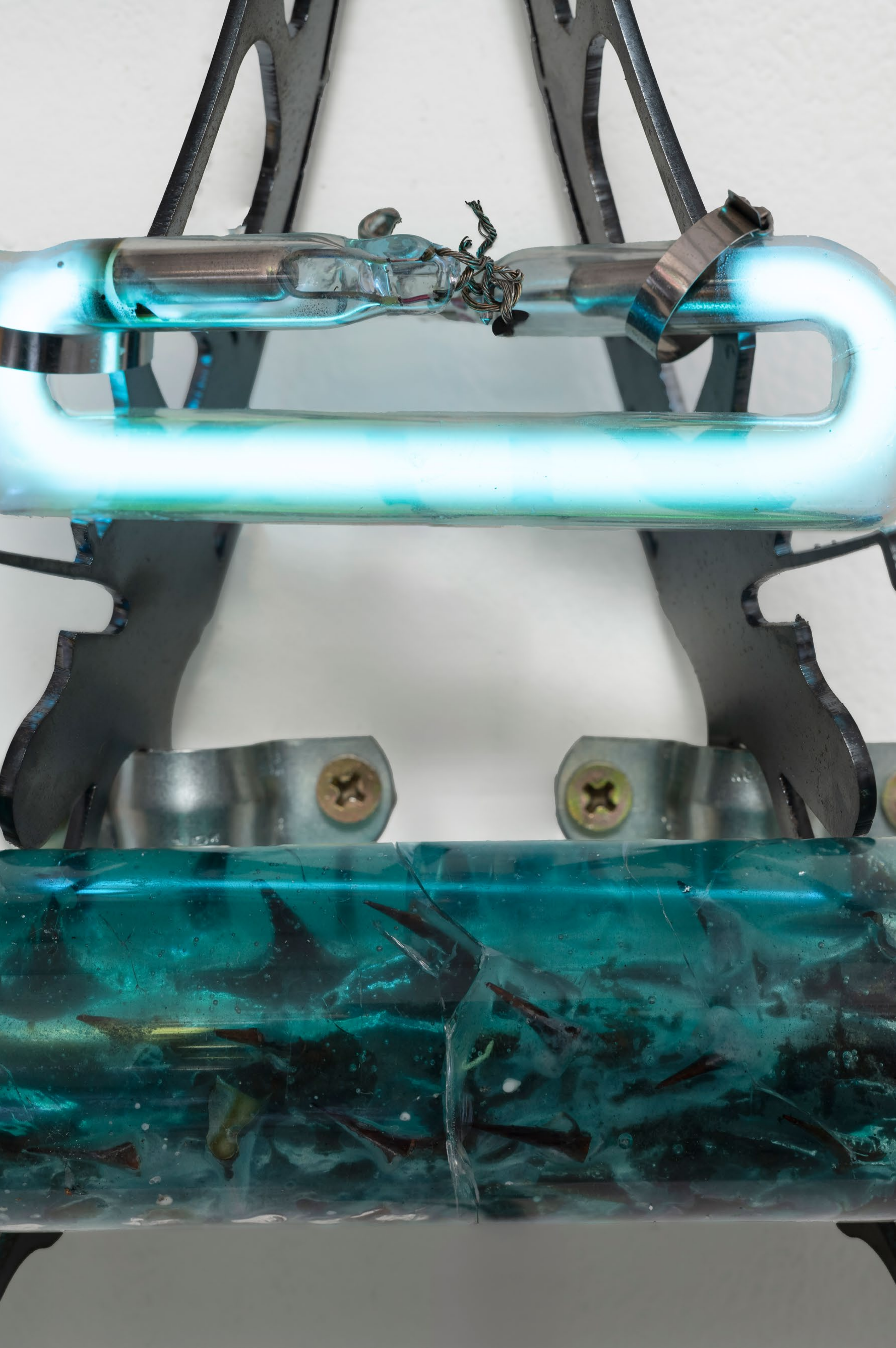
Ritual de acoplamento II, 2026

Aço carbono, resina, tubo acrílico,
muda de coroa de cristo e neon

38 × 38 × 21 cm







Emer Freire

Ritual de acoplamento III, 2026

Ferro galvanizado, barra enroscada, porcas, suporte de pesca,
tubo acrílico, gel e lixo eletrônico

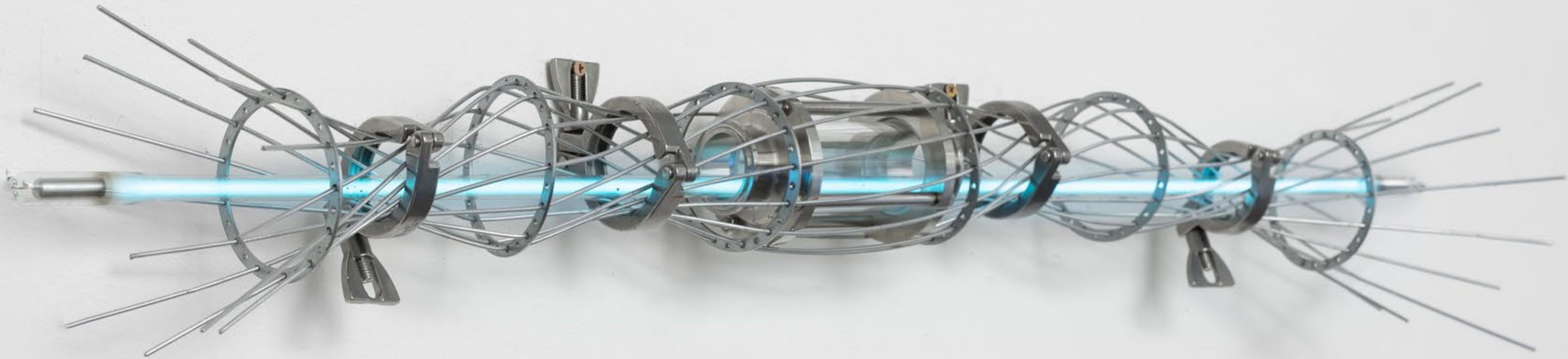
74 × 38 × 21 cm

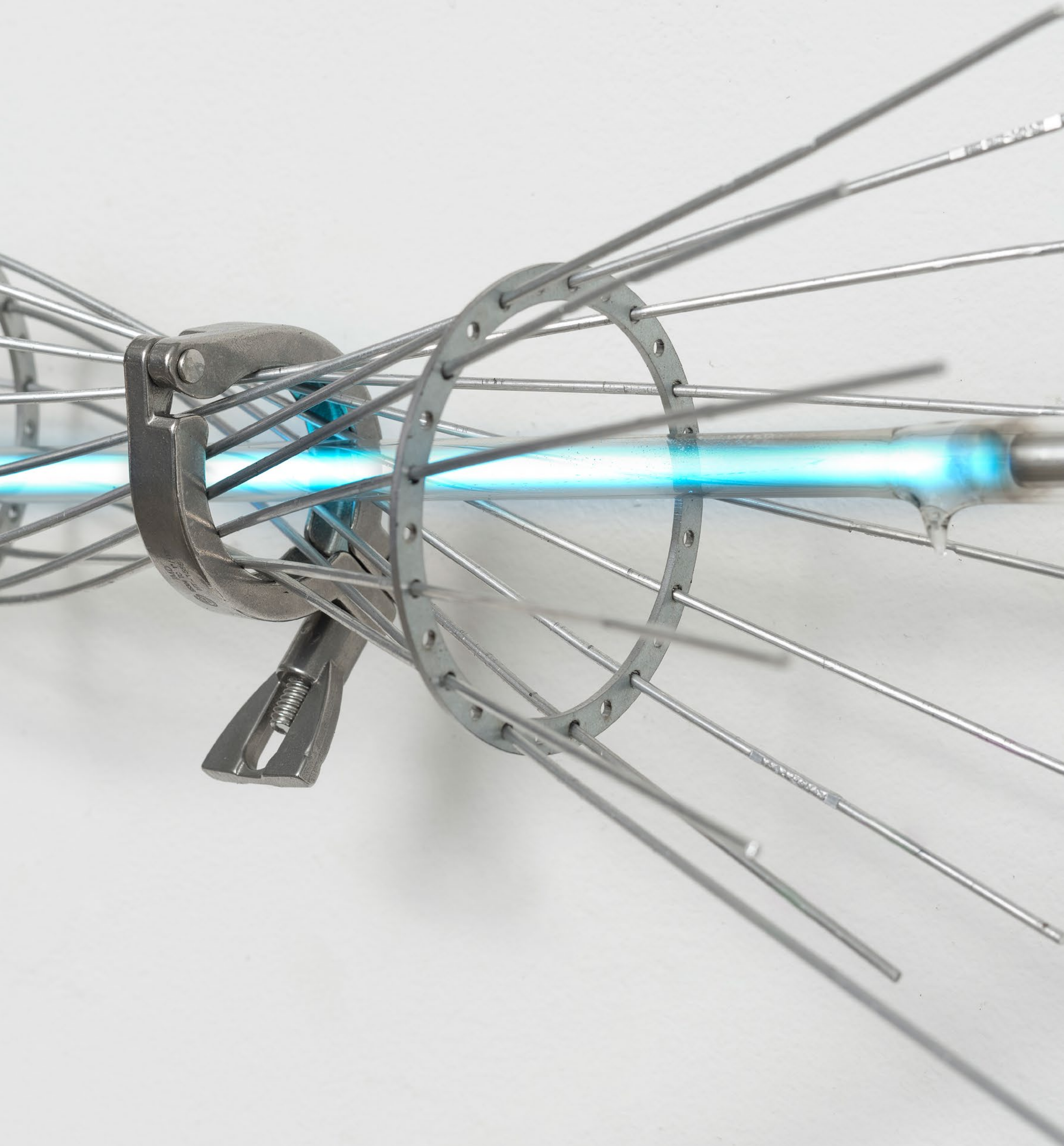




Emer Freire

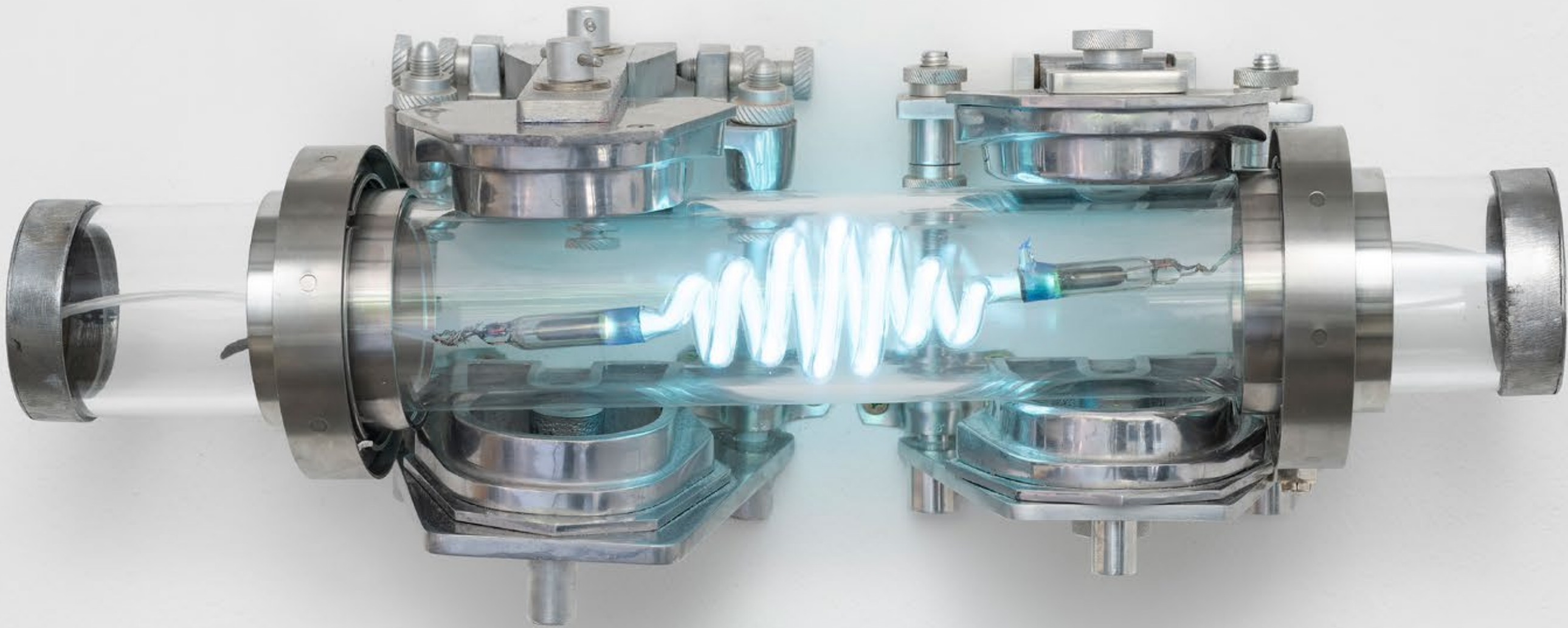
0 condutor II, da série *Agenciamentos*, 2026
Ferro galvanizado, abraçadeiras de metal, tubo visor de linhas,
varetas de solda de alumínio e neon
10 × 100 × 18 cm

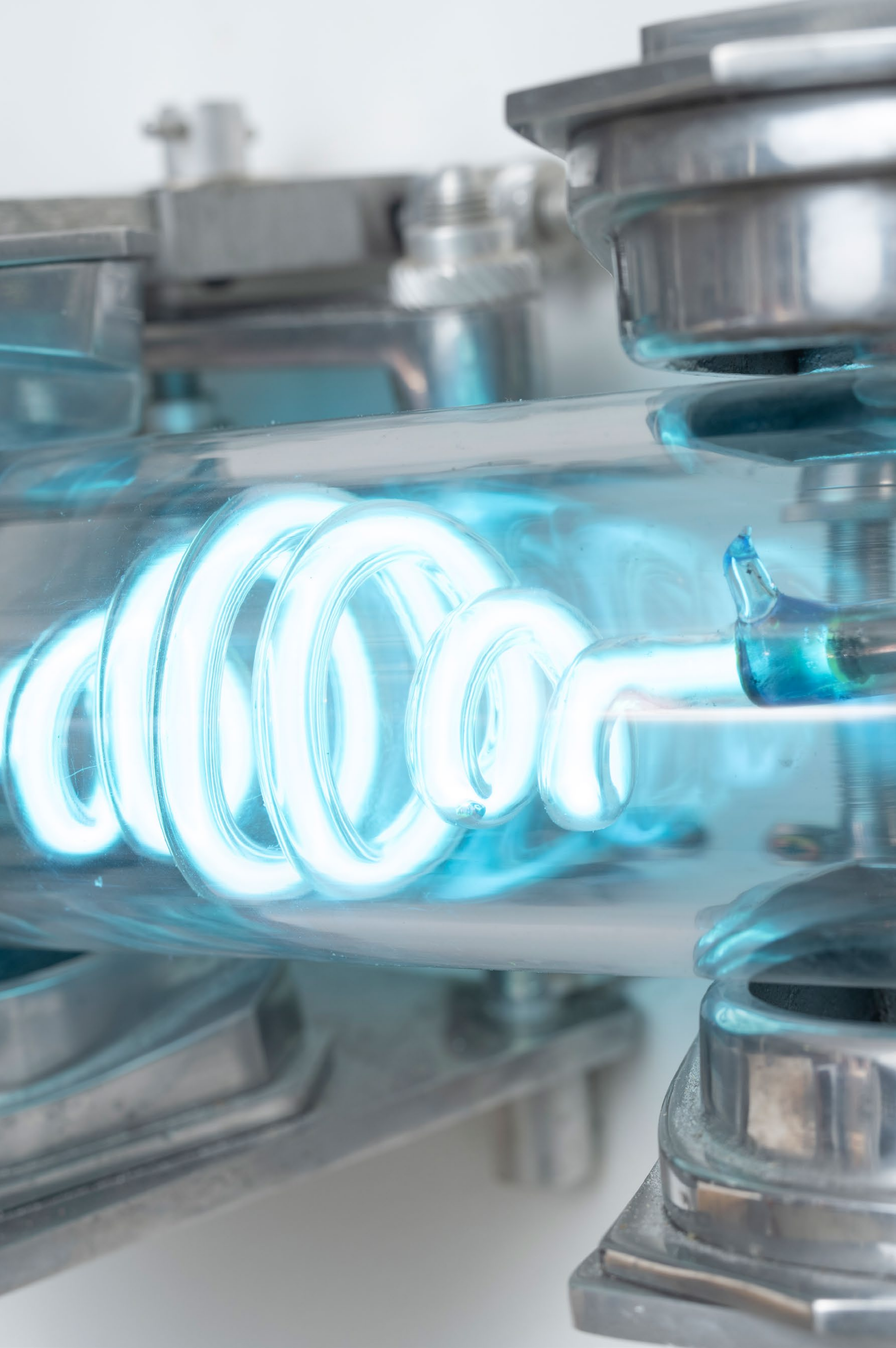




Emer Freire

Incisor, 2026
Suporte typodont ortodontia, tubo acrílico,
neon e abraçadeiras inox
15 × 35 × 17 cm





Emer Freire

Espécime 02, da série *Exoesqueletos*, 2026

Chapa de aço carbono, silicone e parafina

58 × 43 cm





Emer Freire

Espécime 01, da série *Exoesqueletos*, 2026
Chapa de aço carbono, silicone e parafina
59 × 44 cm





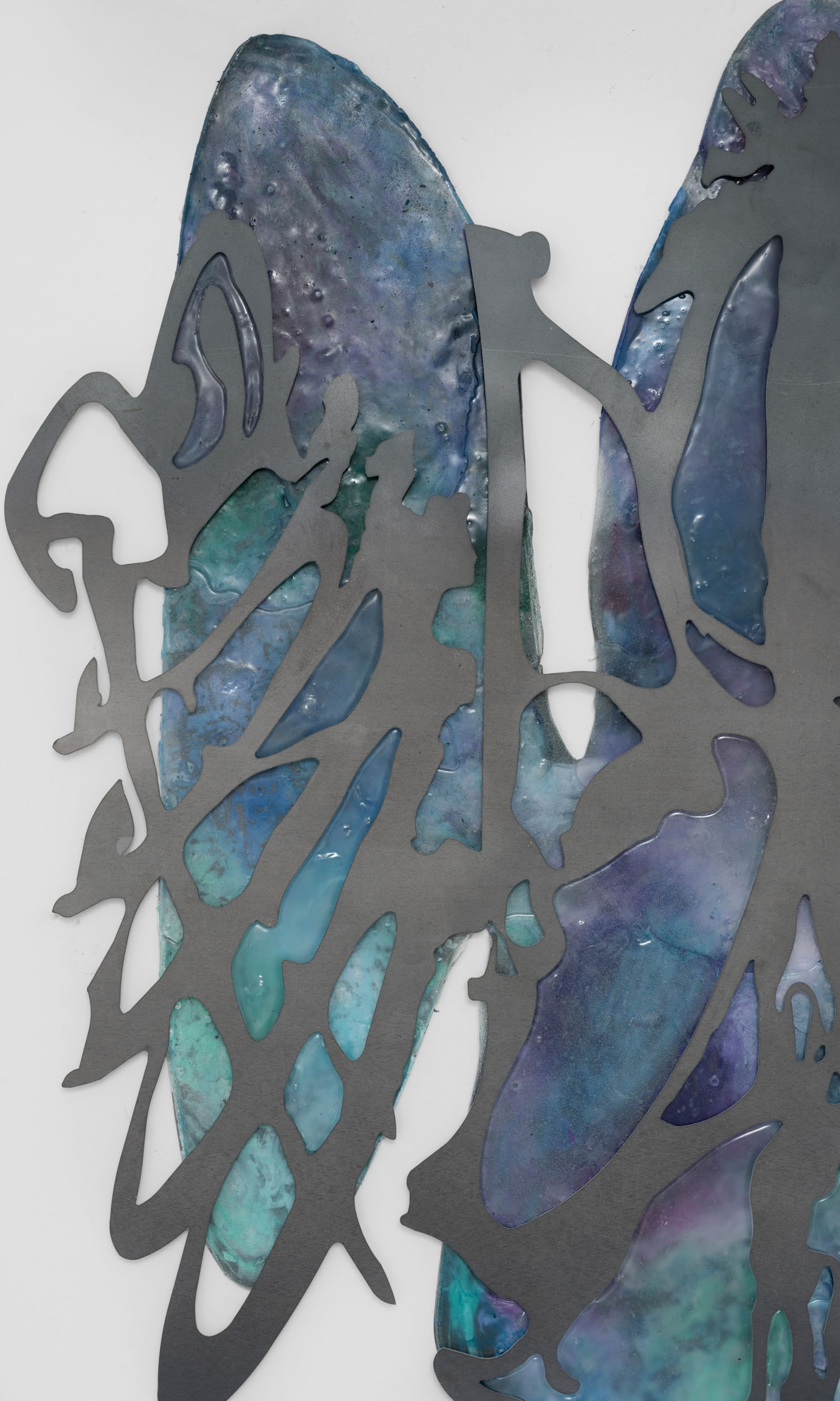
Emer Freire

Espécime 00, da série *Exoesqueletos*, 2026

Chapa de aço carbono, silicone e parafina

108 × 101 cm





Emer Freire

O acoplador, da série *Extensores*, 2026
Chapa de aço galvanizado, silicone e parafina
54 × 102 cm





Claraboia

cave

+55 11 99407-2842
contato@claraboia.art.br
@claraboia.art
www.claraboia.art

Al. Gabriel Monteiro da Silva, 2906